

Pesquisa: ensinando a arte de garimpagem.

Maria A. Moraes Silva

" A arte do ensino é, em considerável parte, a arte de pensar em voz alta, mas inteligivelmente....; na sala de aula, o professor deve tentar mostrar aos alunos como pensa um homem e ao mesmo tempo, revelar o belo sentimento que experimenta quando pensa bem."

Wright Mills

Durante o ano letivo de 1994, incumbi-me da disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa II do Curso de Ciências Sociais.

A proposta de curso apresentada aos alunos, no início do ano, incluía três grandes tópicos: A) Os métodos dos clássicos (Weber e a objetividade em ciências sociais, Durkheim e o método funcionalista, o método dialético dos marxistas e a crítica ao althusserianismo). B) Novas trilhas da pesquisa (a crítica ao cartesianismo, a teoria crítica e a psicanálise, o particular, o singular e o universal, a imaginação sociológica). C) Instrumentos de pesquisa (histórias de vida, estudos de memórias, pesquisa quantitativa e qualitativa).

A preocupação central do programa era proporcionar aos alunos conhecimentos teóricos acerca dos métodos em Ciências Sociais e, se possível, práticos.

Partindo das premissas de que os métodos são os procedimentos utilizados na tentativa de se compreender uma dada realidade social, e que é impossível a objetividade em Ciências Sociais, as discussões foram orientadas no sentido de proporcionar aos alunos o conhecimento dos diferentes métodos e técnicas de pesquisa.

Este conhecimento teórico foi, aos poucos, suscitando um interesse prático, empírico de pesquisa.

Na realidade, à medida que as discussões avançavam, a sala de aula foi-se tornando pequena para o número de questões que se colocavam aos alunos.

Duas leituras foram essenciais para que "a ansiedade de ir a campo" aumentasse, e o prazer da pesquisa fosse vivenciado como preparo para uma festa. Trata-se das obras clássicas de Wright Mills, *A Imaginação Sociológica*, e de Ecléa Bosi, *Lembranças de Velhos*.

A primeira delas, apesar de ter sido escrita nos finais da década de 50, constitui-se como uma obra fundamental para todos aqueles que se debruçam sobre as questões relativas à pesquisa e ao

ensino de Ciências Sociais nos dias de hoje. Já naquela época, Wright Mills tecia uma crítica contundente aos métodos de pesquisa utilizados, à burocracia da Universidade, ao despreparo dos professores e à necessidade de acabar com limites entre as diferentes áreas do conhecimento.

Contrariando as tendências da grande teoria (auto-explicativa), do empirismo abstrato, do praticalismo, Mills enfatiza a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino, localizando-se dentro de seu período. E mais. Nenhum estudo social que não volte ao problema da biografia, da história e de suas interligações dentro de uma sociedade, pode-se considerar completo. "A Imaginação Sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade" (Mills:12)

Em outros termos, a questão que subjaz à imaginação sociológica é a da relação necessária entre sujeito e estrutura para a compreensão da realidade social.

A obra de Ecléa Bosi despertou nos alunos não só um grande interesse pela utilização dos instrumentos qualitativos, a história de vida, a história oral, o uso do gravador, entrevistas, como também pelos estudos de memória.

As descobertas do eu, da individualidade, de vozes do passado, de homens e mulheres que nunca fizeram parte da história oficial, da história dos vencedores, permitiram uma espécie de mergulho na realidade que os cercava.

De repente, todo o conhecimento acumulado em outras disciplinas durante os quatro anos de curso - acerca da realidade teórica e histórica do capitalismo mundial e nacional- foi defrontado com histórias de pessoas simples, anônimas que viveram e trabalharam num período histórico vivenciado, em parte, por eles.

As discussões weberianas sobre a impossibilidade da objetividade em Ciências Sociais permitiu-lhes, sem sombras de dúvidas, compreender a relação necessária entre indivíduo e história, não acima dos homens, mas feita por eles.

Lembranças de velhos que fizeram a história de SãoPaulo, que viveram e que agora, através do trabalho da memória contavam seus cotidianos, trabalhos, lutas, esperanças, desesperanças, fé, foram imprimindo-lhes marcas nas formas de pensar e conceber uma pesquisa em Ciências Sociais.

Muitas vezes, eu deparava com observações tais como: "nunca pensei que se pudesse fazer uma pesquisa como essa, e que isto tivesse importância", (referência aos estudos de memória).

Evidentemente, esta colocação inseria-se num alargamento do horizonte do entendimento de uma pesquisa, de seu significado e, mais, particularmente, do que seja um problema de pesquisa.

Muito tempo foi dispendido nas discussões acerca da definição de um problema de pesquisa. Neste ponto, a postura (prática) do pesquisador foi bastante debatida.

Após haver estudado as posturas de diferentes pesquisadores (M. Isaura P. Queiroz, Roberto da Matta e outros indicados na bibliografia do curso), tentou-se transpor estas experiências para os próprios alunos, sem contar que a minha própria experiência era transmitida incessantemente.

Foi exatamente este momento de transposição, de mudança de posição, o mais interessante do curso. De receptores de informações, os alunos passaram a desempenhar o papel inverso. Para isso, o espaço da sala de aula transformou-se. Saíram a campo, munidos dos ensinamentos recebidos e voltavam à sala de aula não apenas com soluções, mas, na maioria das vezes, com problemas.

É preciso deixar bem claro que, esta experiência não se tratou de um projeto de pesquisa elaborado onde os alunos desempenhariam as tarefas de aplicadores de questionários ou entrevistadores para a pesquisa de um dado professor, ou inserir-se-

iam como membros de uma pesquisa coletiva, mas de uma experiência fundamentada nas discussões teóricas de estudos de memória, história de vida e relatos orais. Ou seja, o objetivo era experimentar em campo, após uma escolha baseada no conhecimento pessoal e afetivo dos entrevistados, a prática de uma pesquisa.

Estabeleceram-se, após esta tomada de decisão em classe, algumas medidas:

1º) critério para a escolha dos entrevistados. Alguns alunos optaram de imediato, por pessoas conhecidas, parentes ou não. Outras resolveram buscar os entrevistados, visitando, por várias vezes, um asilo de idosos em Araraquara. Outros, preocupados já com a elaboração de um projeto de pesquisa para inscrição num curso de pós-graduação, entrevistaram uma intelectual feminista em São Paulo e antigas operárias de uma empresa em Araraquara.

2º) necessidade de organizar um diário de campo;

3º) discussão sistemática, em sala de aula, de todos os problemas enfrentados em campo. Não só problemas objetivos como também subjetivos. Angústia, insegurança, timidez, alegrias, frustrações foram alguns dos sentimentos vivenciados antes, durante e depois da realização das entrevistas.

Esta nova realidade impôs-me, enquanto professora, um outro papel, a de orientadora. Além do mais, os ensinamentos ministrados até então, foram retomados e discutidos à luz das diferentes vivências dos alunos. Foi cada vez mais sendo entendido que a pesquisa é uma eterna busca, uma verdadeira arte de garimpagem. Há momentos em que se acham grandes tesouros, há outros em que nada se encontra. Portanto, não há modelos fixos e rígidos. Há orientações. Muito dependerá do pesquisador e de sua relação com o pesquisado. Esta relação é própria, é de cada um. No entanto, ela poderá ser definida pela experiência de outros pesquisadores. Quanto a este aspecto, sempre lembrei aos alunos, o artigo de Roberto da Matta, O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". Rerefundo-se à sua pesquisa com os Apinayé, o autor cita no final de seu texto, uma situação aparentemente insólita que lhe ocorreu, quando, após um tempo de permanência juntos a estes nativos, Pengi, uma criança, entrou em sua casa com uma cabacinha presa a uma lenha de tucum e lhe entregou. À primeira vista, o antropólogo acreditou tratar-se de uma dádiva (troca). Em seguida, tomou contato de seu erro, quando Pengi disse-lhe. Esse é para o teu ikrá (filho), para ele brincar (Da Matta:33).

Comentando este acontecimento, o autor salienta a relação pesquisador/pesquisado.

"...este é o lado mais humano da nossa rotina. E é o que realmente permite escrever a boa etnografia. Porque sem ele..., não se distingue um piscar de olhos de uma piscadela marota"(Da Matta:35)

Enquanto realizava uma pesquisa no vale do Jequitinhonha, com composeses, depois de caminhar por várias grotas e veredas, deparei-me com uma mulher que vivia numa casinha de adobe.

Após identificar-me, assim como meus objetivos e o porquê de estar ali, perguntei-lhe. A senhora vive sozinha? Ela respondeu-me: não. Então, fiz-lhe outra questão. Quem vive com a senhora? Deus, foi a resposta.

À primeira vista, ela seria classificada dentro de meus modelos de famílias camponesas, como uma mulher só (sem filhos, sem marido/companheiro, parentes, agregados). No entanto, minha intuição levou-me ao aprofundamento do significado de viver com Deus e não só. À medida em que ela contava sua história, toda uma vida de discriminação e violência foi sendo revelada. Inclusive, por grande parte de sua vida, ocupou a posição de empregada na casa de um homem casado que a transformou na sua segunda mulher, tendo com ela vários filhos, numa situação de bigamia, sem contudo, reconhecê-la na mesma posição de sua legítima mulher. À morte do

marido (assim chamado por ela), à migração dos filhos, seguiu-se seu isolamento social. A presença de Deus na Casa era interpretada como real, palpável. Era somente Ele que lhe fazia companhia.

Este fato, permitiu-me saber da existência da bigamia em muitas outras situações. Em tempos atrás, fazia parte do costume de muitos habitantes, geralmente fazendeiros desta região, esta prática.

A importância às pequenas coisas, frases, gestos é imprescindível numa pesquisa. São estes elementos que precisam compor a formação "interior" dos jovens pesquisadores, além dos conhecimentos teóricos. Despertar a emoção, além do conhecimento racional, é um traço essencial para o pesquisador. É a perda da onipotência, omitida muitas vezes, e transmitida por intelectuais, que faz com que nos pequenos sítios, possam ser encontrados grandes veios auríferos. *"É a admissão. de que o homem não se enxerga sozinho. E que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia"* (Da Matta: 35)

No que tange à pesquisa aludida acima, foi esta mulher, analfabeta, isolada, paupérrima, que me revelou a existência da bigamia e da intensa discriminação da mulher no Vale do Jequitinhonha.

Estas experiências foram se somando àquelas vivenciadas pelos alunos. Alguns deles retornaram várias vezes aos entrevistados, em busca de maiores informações. De uma certa forma, estabeleceu-se um laço de confiança entre pesquisador e pesquisados. Alguns discorreram muito sobre suas vidas. Outros falaram genericamente ou omitiram informações por medo de falar.

O cotejo das entrevistas nos permitiu visualizar, em alguns casos, fragmentos de memória e, em outros, muitos pontos deixados em silêncio.

O silêncio não foi interpretado como esquecimento. Utilizando autores consagrados acerca deste tema, como Ecléa Bosi, Bergson, Halbwachs, Pollak, foi possível chegar a algumas conclusões.

Não faz parte do escopo desta Introdução, uma análise exaustiva do conteúdo das entrevistas realizadas, mesmo porque, a preocupação subjacente aos propósitos definidos era, como já foi dito em linhas atrás, a experiência de campo com histórias de vida e relatos pessoais, orais sobre alguns aspectos da vida dos indivíduos, a partir de um pré-conhecimento pessoal.

Por outro lado, as situações vivenciadas em campo também não serão relatadas, uma vez que as mesmas constam dos anexos desta coletânea, Diários de Campo.

Do conjunto das entrevistas realizadas, dois agrupamentos são possíveis.

O primeiro deles refere-se às histórias de vidas de uma das primeiras operárias da Indústria de meias Lupo em Araraquara, imigrante argentina, e outra descendente de imigrantes italianos que vivenciou o apogeu e declínio do café em São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

A entrevista com D.Amélia, ex-operária da Lupo é, sem dúvida a mais completa. Com 86 anos de idade, o grande sonho de D.Amélia era o de contar sua história. Apesar dos problemas de saúde, ela própria havia começado a escrever sua biografia. A presença da entrevistadora facilitou-lhe esta tarefa.

Nota-se na entrevista que seu relato constitui-se num verdadeiro trabalho, o de lembrar. Lembra os mínimos detalhes de todas as situações. Acompanhando suas lembranças, é possível inteirar-se dos significados de memória coletiva e dos quadros sociais da memória.

Sua história é uma história vivida e não escrita. Ela constroem um quadro vivo e natural em que o pensamento pode se apoiar para conservar e reencontrar a imagem de seu passado (Habwachs: 70)

Suas lembranças reconstróem o passado com a ajuda de dados emprestados do presente. Não somente casas, ruas, animais, natureza, pessoas são vivificados e reconstruídos pela memória, como também seus sentimentos interiores: a dor pela morte da mãe, a pena sentida em relação ao pai viúvo e empobrecido, o medo quando viu, pela primeira vez, uma pessoa negra e assim por diante. Acha bonita a lembrança. Lembrar é bonito.

Espaço e tempo são reconstruídos em sua memória a partir de uma espécie de aderência.

"Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, os homens poderiam destruir sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são esabelecidas entre as pedras e os homens" (Halbwachs: 136).

O gosto de lembrar, a revificação da própria vida também aparecem no relato de Dona Maria Luíza, com 78 anos de idade.

No entanto, a situação registrada no caderno de Campo da pesquisadora, revela o que Pollak chama de memória subterrânea e gestão do indizível.

Dona Maira Luiza compreende que o ato de lembrar não é individual, mas social.

"(...) Eu gosto de lembrar, não acho nada ruim do que passou, por que se a gente lembrasse só para a gente, mas é pra todos, né?"

Omite fatos importantes de sua vida, importantes para ela, mas não para os outros que a cercam. Silencia tais fatos mas não os esquece.

Segundo Pollak, neste caso, diferentemente de Halbwachs, a memória coletiva funciona como opressora e destruidora.

Sem embargo, a memória individual de Dona Maria Luiza é uma espécie de memória subterrânea *"que prossegue seu trabalho de subversão no silêncio, e de maneira quase imperceptível, aflora em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados"* (Pollak, a: 4)

Foi exatamente esta memória subterrânea, proibida, que aflorou em conversas reservadas, ou a pedidos do desligamento do gravador, com a entrevistadora.

A convivência "pacífica" com as pessoas que a cercam é assegurada pelo silêncio imposto, pela gestão do indizível, e isto revela que o trabalho da memória é indissociável ao da organização social da vida.

Em sua pesquisa com sobreviventes dos campos de concentração nazista durante a 2ª Guerra Mundial, Pollak ao entrevistar Ruth, percebe que sua sobrevivência na Alemanha pós-guerra deveu-se à gestão do indizível, do não dito. Ou seja, foi justamente o silêncio guardado e não esquecido que lhe possibilitou reconstruir sua vida.

"Un passé qui reste muet est peut être moins le produit de l'oubli que d'une gestion de la mémoire selon les possibilités de communication à tel ou tel moment de la vie"
(Pollak, b: 51).

Esta mesma situação de gestão do indizível, de memória proibida manifestou-se nos relatos do Sr. Antônio e Dona Maria.

Sr. Antônio, ex-sindicalista, fundador do Sindicato de Trabalhadores Rurais na região oeste do Estado de S.Paulo, foi um homem que enfrentou muitas lutas em sua trajetória. Sofreu perseguições militares, fugiu para não ser preso durante a ditadura militar, mas tem medo de falar. Sua memória, por estas questões

políticas, é também controlada, reprimida. Seu relato é fragmentado, genérico. Impôs à pesquisadora esta situação. Homem valente no passado, transforma-se no presente, vigiado e amedrontado pelas próprias lembranças. Esta é a forma pela qual sua sobrevivência é garantida.

Dona Maria é o exemplo de uma mulher pioneira no tocante à independência econômica, ao trabalho fora de casa, à realização profissional.

Ainda muito cedo, nos finais da década de 30, saiu da casa dos pais para trabalhar fora. Apesar deste enfrentamento precoce, é uma mulher que não conseguiu vencer as barreiras impostas pela organização social de gênero. Apaixonada por um primo, impedida de se casar, opta pelo afastamento e pela guarda de um amor frustrado por toda a vida. A independência financeira e o trabalho não conseguiram transpor estas barreiras.

Seu relato é, igualmente, permeado por muitos silêncios. Não quis falar, apesar dos pedidos da pesquisadora.

O que foi dito atrás acerca da gestão do indizível e do silêncio aplica-se a ela. Este mal do passado constitui-se-lhe numa espécie de traumatismo. Obriga-se a "pular" trechos de sua vida, a virar páginas vazias que não puderam ser escritas, que se amarelam

com o passar do tempo, mas que permanecem vivas em suas lembranças não verbalizadas, em um silêncio guardado, escondido dentro de si.

Estas vozes que nos vêm do passado e que nunca fizeram parte da historiografia oficial são vozes de pessoas que viveram e trabalharam (Bosi). Para finalizar, cabe ainda, dizer que não é o simples relato que possibilita a libertação das pessoas. É preciso não se esquecer das diferenças entre memória e história (Halbwachs), entre memória individual e coletiva (Halbwachs) ou memória enquadrada (Pollak). Outrossim, o simples relato captado pelo pesquisador não elimina as relações de poder, quer sejam de classe, gênero ou etnia, prevaletentes numa certa sociedade.

O que interessa à história, não são apenas os fatos passados, mas a forma como a memória é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea.

A idéia de memória não pode ser concebida enquanto passado congelado, mas na sua relação com o presente.

Não é a explicitação das vozes reprimidas "tout court" que "*dá de volta ao povo a história em suas próprias palavras*" (Thompson: 136). Não é isto, tão somente que lhe possibilita a ascensão social ou a retomada do controle de sua história. Neste

ponto, é preciso cautela quanto à crítica à P.Thompson desenvolvida por G.A.Debert. Segundo esta autora, apesar da história oral ser um método democrático porque provê um ponto de vista alternativo, o ponto de vista dos dominados e desprivilegiados e porque coloca claramente o caráter ideológico da documentação tida como oficial, por outro lado, colocar os relatos populares como um ponto de vista alternativo é subestimar as relações de poder nas quais estas camadas estão inscritas (Debert: 151-152). No entanto, Thompson em várias passagens de sua obra, chama atenção para a ação que deverá fazer parte da história oral.

Textualmente, sobre esta questão, ele afirma. *"E para o historiador que deseja trabalhar e escrever como socialista, a tarefa não deve ser simplesmente louvar a classe operária, mas sim elevar sua consciência. Não se trata de substituir um mito conservador da sabedoria da classe superior por um mito da classe inferior. O que se quer é uma história que leve à ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo"* (Thompson: 43).

Não se trata, portanto de subestimar ou superestimar os relatos orais e histórias de vida. É necessário um equacionamento entre as diferentes fontes de uma pesquisa, onde os relatos orais podem fornecer os instrumentos necessários para a reconstrução do

passado, enquanto relação entre passado e presente, por aqueles que não tiveram voz. Neste equacionamento, é imprescindível a consideração de que as memórias individuais fazem parte de memórias coletivas ou enquadradas e, por conseguinte, os indivíduos são inseridos em organizações sociais, de classe, gênero e etnia. Estas organizações inscrevem-se em seus corpos, definem seus habitus e compõem suas identidades. Não se trata, porém de estabelecer uma oposição entre história oral e história escrita. É necessário ultrapassar este debate e verificar a continuidade potencial entre uma e outra (Pollak, c: 207 e ss).

Da mesma forma, não se trata de opor a objetividade, pretensamente, existente na história escrita e a subjetividade da história oral. Respondendo à esta questão, ao participar de um debate sobre história oral, Pollak afirma: *"Aliás, acredito que as discussões intelectuais fazem grande uso- das oposições binárias- subjetivo/objetivo, racional, irracional, científico/religioso - só servem para fins de acusação ou de auto legitimação"* (Pollak, c: 211).

Finalmente, o capítulo III constitui-se num trabalho de reflexão sobre a experiência de trabalhar com a técnica de histórias de vida com trabalhadores rurais.

Este texto, na verdade, é uma versão revisitada pelas alunas, após alguns anos da realização deste trabalho. A primeira versão foi apresentada no Encontro do CERU, sob a forma de comunicação em 1990. Na verdade, é mais uma reflexão sobre os bastidores da entrevista. É o momento crucial da pesquisa de campo, onde a criatividade e a imaginação do pesquisador são freqüentemente postos à prova. É o momento onde ação, prática, conhecimento, objetivo, subjetivo entram em relação. Nada é separado. Tudo articula-se, tudo igualiza-se, tudo diferencia-se. Tudo reconstrói-se e se redefine.

É o conjunto de toda esta experiência vivida por alunos, por mim e pelo diálogo com os autores citados e outros que contribuíram para a produção deste trabalho. Todo o saber e a prática acumulados, através de um tempo passado e criados num tempo presente, que geraram a pesquisa, enquanto arte da garimpagem.

Tal como o professor, na citação em epígrafe, precisa enquanto artista, revelar o belo sentimento experimentado quando se pensa bem, também o pesquisador, enquanto, igualmente, artista, precisa deixar brotar e expandir dentro de si os conhecimentos, a emoção, o amor ao seu trabalho, e, sobretudo, a identificação com

seu produto. É nisto que consiste a arte. Cada vez mais, a partir destes primeiros passos, a presença do orientador vai ficando à distância, e a obra vai possuindo, progressivamente, a marca de seu criador.

Referências bibliográficas.

- Costa, E. Lembranças de velhos. T. A. Queiroz Editor, Editora da Universidade de São Paulo, 2ª edição, São Paulo, 1987.
- Costa, R. O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: Nunes, E. de O. (org) A aventura sociológica. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1978, p. 23-35.
- Costa, G. G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: Cardoso, R. (org) A aventura antropológica. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1986, p. 141-156.
- Costa, W. A imaginação sociológica. Zahar Editores, 6ª edição, Rio de Janeiro, 1982.
- Costa, M. (a). Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos históricos, vol. 2. nº 3-15, 1989.
- Costa, M. (b). La gestion de l'indicible. In: Actes de la recherche en sciences sociales, vol. 62-63, 1986.
- Costa, M. (c). Memória e identidade social. In: Estudos históricos, vol. 2, nº3: 3-15, 1989.
- Thompson, P. A voz do passado. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.